

PRADO SUBJECTIVO: METAMORFOSES DE UMA FREGUESIA MODERNIZADA

ALBERTINO GONÇALVES



Procissão no lugar da Serra

Escrever sobre a nossa terra é uma imprudência. Mais complicado que escrever sobre nós próprios. Escreve-se sobre uma parte de nós que pertence a muita gente. Coexistem várias abordagens plausíveis, algumas opostas. Por um lado, a objectividade e a exterioridade. Um olhar distanciado, arremedo de ciência, com recurso a documentos e estatísticas. Mais ou menos vírgula, o retrato da freguesia resulta semelhante ao de tantas outras. Perde alma, perde identidade. O reverso consiste num olhar comprometido, assente na memória e na experiência. O resultado aproxima-se de uma ficção.

Caminhar é um modo de recordar e aprender. “O espaço fala” (Hall, Edward T. 2005). Uma igreja, um cemitério, duas capelas, três cruzeiros, alminhas e cruces da via sacra. A maioria dos sinais colectivos do sagrado situa-se entre o lugar da Serra e o lugar de Santo Amaro. A capela, particular, de Santa Bárbara, no lugar dos Bouços, é a exceção. Uma comunidade revê-se no religioso. A procissão de São Lourenço confina-se aos lugares da Igreja, do Rego e da Serra. A procissão das velas não passa pelos lugares dos Bouços e da Corredoura. A tangibilidade do sagrado está mal distribuída.

O sagrado e o profano entrelaçam-se. Na procissão, o sol é divino, nos bailes, a lua é pagã. Das



Com um acordeão, uma guitarra e um pau (dos “varredores de feiras”), faz-se a festa



O balouço do Diabo em Rouças

festas a que assisti (São Lourenço, a 10 de Agosto, Santo Amaro, a 15 de Janeiro, Santa Bárbara, a 4 de Dezembro e, pontualmente, São João), subsistem duas: São Lourenço e Santo Amaro.

O sagrado e o profano moram nos objetos mas também nas pessoas. Em tempos idos, a capela da Serra prestava-se a festividades. Um idoso (na altura, com 99 anos, do lugar dos Bouços) recorda: “E decidimos fazer a procissão de Nosso Senhor Morto. Saía da capela da Serra até à igreja. Deu muito trabalho. Fiquei com feridas de tanto andar a cavalo. O caixão, fechado, levava o pregador dentro. Chegados ao lugar do Rego, para surpresa da multidão, o pregador abre, num estrondo, a tampa do caixão, levanta-se e grita: “Labitas, que fizestes, labitas? Matastes o vosso irmão...” Passados dois anos, retomou, acamado, o mesmo relato. Quando o sentimento é maior que a gente, resta-nos “ver com os olhos do coração”.

Na memória, para além da devoção, também espreita o prazer. O sagrado abençoa a vida, mas o profano é humano. Num pátio com ramada, dois homens e uma mulher, com cerca de noventa anos, falam das modas. Rejuvenescem a cada palavra e a cada gesto. Revivem episódios menores mas que ainda comovem. Com um brilhinho nos olhos, lembram, como se fosse hoje, os sapatos novos que levaram a um baile nos Bouços, uma saída a contragosto do pai... Em Prado, as festas nunca tiveram carrosséis, nem carrinhos eléctricos. Talvez o baloiço do “Diabo” (alcunha do proprietário) tenha estado em Prado. Para o efeito, Paderne, a Vila e Rouças não estavam longe.

Nos anos sessenta, Prado era uma freguesia tranquila. Mas desigual. O tamanho e a qualidade das casas não enganavam. Ninguém o disfarçava e ninguém se iludia. Havia os proprietários agrícolas. A freguesia era pequena para tantas quintas. Pouco sobrava para os pequenos agricultores. Respiravam-se, ainda, ares de “antigo regime”. No topo, os proprietários agrícolas e os altos funcionários da administração pública. Desfrutavam de mordomias. Meninos, meninas, donas, senhoras e senhores, usufruíam, em espaços públicos e semipúblicos, de lugares cativos. Nem que fosse uma cadeira numa mercearia. São padrinhos, na pia baptismal



No passeio da Serra. Dois comerciantes, dois agentes do volfrâmio, dois emigrantes e um migrante em Lisboa.



Lazer. Dois comerciantes, quatro participantes no contrabando, seis (ex)emigrantes, um mineiro do volfrâmio, um migrante em Lisboa e uma "figura típica".

e na vida quotidiana. Acumulam clientela e distribuem favores.

Boa parte dos residentes não dependia da agricultura. A freguesia de Prado evidenciava traços de uma sociedade burguesa. Vizinha da Vila, abrigava muitos "colarinhos brancos", empregados, sobretudo, na administração, nos bancos e nas escolas. Outros dedicavam-se a ofícios. Os chalés, sazonalmente ocupados por famílias urbanas (afigura-se-me que as casas dos emigrantes se inspiram tanto nos chalés como nas mansardas estrangeiras). Os camponeses, os caseiros, os jornaleiros e alguns operários completavam a população activa da freguesia. Não obstante as hierarquias e as relações de dominação, Prado era uma sociedade aparentemente harmoniosa. A violência e a injustiça, embora não faltassem, eram filtradas. Havia, porém, uma relativa igualdade em determinados domínios: a escola, a igreja e o cemitério. Todos frequentam a escola, são sacramentados na igreja e sepultados no cemitério.

As pessoas mais queridas da freguesia não eram, necessariamente, os membros das elites, mas pessoas simples de raiz popular. Recordo duas pessoas que dormiam aos pés de Cristo no cruzeiro da Serra ou o sacristão, devoto da confraria da malga, que, durante o compasso pascal, caiu com a cruz num rego. Havia figuras típicas memoráveis.

Proponho um passeio preguiçoso entre a Serra e a Corredoura. À esquerda, um edifício que foi empresa de panificação. À direita, uma casa abastada, com capela e casa de caseiros. Mais uns passos, duas casas que foram taberna, moinho mecânico e residência de um "patrão do contrabando". No centro do lugar, existiram uma mercearia, uma alfaiataria e um sapateiro. Um edifício imponente, com duas moradias e casas de caseiros, acolheu uma espécie de jardim-de-infância. No extremo do lugar, duas costureiras e um carpinteiro. Aqui e além, uma casa de emigrante. "Tudo o vento levou"! O lugar da Corredoura desertificou-se. Ao contrário da freguesia. Em Prado, nas últimas décadas, o contingente de residentes pouco se alterou (Gonçalves, Albertino, 2019). A freguesia reparte-se por três aglomerados: a Corredoura, os Bouços

e um terceiro, o maior, que se estende desde a Serra até Santo Amaro, passando pelos lugares do Rego, da Igreja e do Cerdedo. Estes aglomerados destacam-se numa fotografia por satélite. Fora dos aglomerados, casas de construção recente lembram salpicos na paisagem.

No lugar da Serra, localizavam-se dois serviços fundamentais. No posto dos correios, circulava correspondência com pegada mundial. Comprovam-no os colecionadores de selos da freguesia, designadamente o secretário da câmara e o padre da altura. O segundo serviço era o telefone público: uma cabina de urgências, alegrias e aflições.

A freguesia e o lugar da Corredoura são parecidos num aspecto: o desaparecimento das profissões. Existiram, em Prado, meia dúzia de mercearias; não subsiste nenhuma. Fecharam, também, as tabernas. Havia dois cafés, sobrou um. Não há alfaiates, nem sapateiros, nem costureiras, nem carpinteiros, nem pintores, nem padeiras, nem peixeiras, nem caseiros... Perderam-se espaços ímpares de convívio e socialização. Cada espaço tinha o seu perfil e os seus “fregueses”. Uns reuniam-se na mercearia, outros, na taberna, no alfaiate, na costureira ou no soqueiro. Fechados estes espaços de socialização, o convívio perdeu ancoragem. Mas não é só por falta de pouso que o convívio se desvanece.

“Nada desaparece, tudo se transforma”. Emergiram novas actividades. O alvarinho afasta o milho; o centro de equitação substitui o cow-boy montado numa cana; o Centro de Estágios, o terreiro da Igreja; a piscina, o rio; a recauchutagem de pneus, o fabrico de socos. Sem esquecer o hotel Monte Prado, a Pousada da Juventude, a Escola Superior de Desporto e Lazer ou o Centro de Reabilitação de Prado / APPACDM. Sopram novos ventos. A reconversão profissional é inelutável. Esta mudança é negativa? Talvez para um romântico. Prado modernizou-se. Acedeu, também, a uma nova fonte de rendimentos: as remessas e as reformas provenientes do estrangeiro. Com consequências para a produção e para o consumo.

Prado não precisa de ir a Prado. Está quase tudo fora: as escolas, o lazer, os eventos, os cuidados de saúde, a administração, os restaurantes, as pastelarias, os mercados, as empresas, os lares, as fu-



A piscina do rio



Terreiro. A presença das crianças



Um boneco de neve original

nerárias... Até os empregos estão no estrangeiro. Em Prado, não há quase nada para comprar ou encomendar. Tem ares de arredores com poder de compra. Quando não se demanda a Vila, vai-se, na freguesia, à horta, ao campo, à missa, a um velório, ao cemitério, à festa de São Lourenço, à junta de freguesia ou a um encontro familiar. Um recanto resiste a este auto degredo: meia dúzia de pessoas jogam às cartas no café. Em suma, em Prado, a melhor forma de encontrar um conterrâneo é colocar-se à porta do supermercado. Prado extroverteu-se.

Não se esboçava, há umas décadas, um passo sem tropeçar com crianças a brincar. Nos caminhos, nos largos, em recintos públicos ou privados. Jogava-se à bola na escola, no Terreiro, na estrada, numa eira na Corredoura; nadava-se no ribeiro no “poço dos cães”, jogava-se ao pião ou ao espeto numa nesga de terra dura e lisa; lançavam-se papagaios de papel; com seis pedaços de arame, faziam-se duas balizas e dois bastões para uma espécie de versão artesanal do jogo do “Pong”; com um pedaço de telha, riscava-se uma serpente com cabeça de rotunda, chamada poço da morte, onde as caricas faziam de carros de corrida. As crianças apropriavam-se de toda a freguesia. Também se brincava sozinho, sem online. O ofício e a rotina das crianças são, agora, diferentes: de dia, a escola e as actividades paraescolares; de regresso a casa, o telemóvel, o tablet, a consola ou o computador. Comunica-se mais com a França ou com os Estados- Unidos do que com o vizinho. As ruas da minha terra estão silenciosas, murchas, perderam a palavra, o corpo e a frescura.

Procuro os sítios onde costumava jogar ao espeto e ao pião. Alcatrão, cimento ou empedrado. É materialmente impossível jogar ao espeto ou ao pião. Terra, só nos campos. Imprópria para jogar. O cimento e o alcatrão conquistaram tudo. Mesmo nas aglomerações, a estrada não tem valetas. Não crescem plantas. Na Serra, a maré negra e cinza cobriu tudo, até trepou os degraus do cruzeiro. Estar, hoje, sentado no passeio proporciona o conforto de uma lagartixa numa eira de basalto. O ar aquece de baixo para cima. Assim o determina o trânsito e a velocidade. Não admira que as estradas se alarguem até ao último milímetro. Os carros também



Terreiro. Vacas de excelência



Terreiro em tempo de vindimas. Oito mulheres, três homens e três crianças.

se alongam: um Volkswagen carocha media 1.54 metros de largura; o Golf mede 1.80. Na minha freguesia, tudo quanto é estrada, caminho ou largo foi asfaltado ou cimentado. Na minha infância, apenas a estrada nacional era asfaltada.

O Terreiro era o “campo de futebol” predileto. Ficava no caminho da escola e da catequese. Asfaltaram o centro e cimentaram as margens. Uma toupeira não encontra saída. Por quê tamanha intemperança pavimentar? À velocidade e à circulação, temos que acrescentar um outro cavaleiro do asfalto: o estacionamento, a terceira aresta do triângulo rodoviário (velocidade, circulação e estacionamento). Asfaltou-se todo o terreiro para facilitar o estacionamento, o repouso do motor. O asfalto e o cimento são materiais invasivos. Alastram e grassam. Acontece-lhes engordar. No lugar da Serra, para entrar nas lojas subia-se um degrau; agora, convém descer.

Prado, para além de terra, também tem água, um exagero de água. Se a terra é cálice, a água é vida. Em criança, acordava-se e adormecia-se a ouvir a água. Agora, a água nem se vê, nem se ouve; adivinha-se. Dava jeito uma vara de detecção de água subterrânea. Tudo quanto é corga, rego ou poço foi encanado ou tapado, sobretudo, com cimento. No entroncamento do caminho das Mourinheiras com a estrada para Paderne, a levada proveniente do ribeiro divide-se em três regos: um prossegue para o lugar da Corredoura; outro esgueira-se por debaixo do caminho e da estrada rumo à Serra; o terceiro mergulha uns quatro metros num “tubo” de granito e reemerge noutro tubo de granito, do outro lado da estrada, rumo à Quinta dos Governadores. Tudo foi encanado e tapado, salvo um arremedo de lavadouro público. Já não se enxergam nem girinos cabeçudos, nem “alfaiates” e, ainda menos, trutas. Nestes cursos de água, refrescavam-se os pés no calor do Verão e pilotavam-se barcos, uns de casca de pinheiro, outros de madeira, com mastros de cana e velas de plástico. Tudo tapado! Até a “arquitectura granítica dos vasos comunicantes” foi cimentada. Para quê? Para alargar a curva. Junto ao fontanário da Serra, na base de um muro de saibro, uma mina de água, cuja entrada ostenta cristais de quartzo ferruginoso. Ali, refrescavam as bebidas. Munidos com uma lanterna, arriscá-



O homem, a pedra e o rego.

vamos explorar as profundezas. O nosso pico de inconsciência infantil. Às vezes, éramos obrigados a parar: o tecto da mina tinha desabado. No campo situado por cima da mina, um buraco enorme provocado pelo aluimento de terras não deixava dúvidas. Como medida de segurança, a entrada da mina foi cimentada.

Nos meses de verão, a água era o maior pomo de discórdia, mormente na imediação das tolas. Prado despia o manto da serenidade. Os sistemas tradicionais de distribuição da água em Melgaço constituem o tema do livro *Conflitos e Água de Rega: Ensaio sobre a organização social no Vale de Melgaço*, de Fabienne Wateau (2 000). A água corria nos regos e detinha-se nos tanques. Acompanhava-nos aos três cantos da freguesia: à Bouça Nova, a Cortinhas e ao Arrochal. Proliferavam os poços, as poças e os lavadoiros públicos onde, à força de ensaboar, esfregar, torcer e corar, se desencordia, a várias mãos, a consciência colectiva da freguesia. A palavra é purgativa. Experiência única era assistir à algazarra dos herdeiros a limpar os regos. Eito a eito, as cobras à frente e o restolho atrás.

Acessibilidade, velocidade, expansão, segurança e eficácia são trunfos da modernidade materialista (o presente inclinado para a frente). A pavimentação parece infinita. Desviando o olhar do espaço público para o espaço privado, constata-se que, junto às moradias, o solo está quase todo pavimentado. Com pedra, mármore, mosaicos, cimento e outros materiais impermeáveis. Nem pensar em lama, charcos, erva ou bicharada. Tudo asseado e de fácil manutenção. Alguém imagina quanto custa cuidar de um relvado ou de um canteiro de flores? Dar vida à vida dá trabalho. Acrescentam-se, assim, dois argumentos a favor da pavimentação: a higiene e a facilidade de manutenção.

Apesar da tranquilidade presente, a freguesia de Prado foi marcada pela mobilidade, pela mudança e pelo risco. Assumiu-se como uma plataforma de migrações. No após Segunda Guerra, desenham-se cinco fluxos populacionais: a emigração; a migração interna para os centros urbanos; a afluência de residentes das freguesias da montanha; a afluência de pessoas dos concelhos do Alto Minho; e, finalmente, o regresso dos emigrantes. Dois fenómenos



A matrícula e a pose.

com forte incidência local estiveram associados a estes movimentos: o contrabando e a exploração do volfrâmio.

A emigração para o continente europeu, principalmente para França, foi precoce e intensa. O volfrâmio foi um dos rastilhos. Propiciou desafogo temporário. As pessoas vislumbraram a possibilidade de uma vida melhor. Após o colapso da exportação do volfrâmio, o retorno à miséria não era solução aceitável. Por outro lado, a vivência do volfrâmio proporcionou contactos no estrangeiro que se revelaram úteis para a primeira geração de emigrantes. O contrabando, fonte decisiva de rendimento, é irregular (Gonçalves, Albertino, 2008), tem picos e quebras. Um período de abrandamento repercutiu-se na qualidade de vida das pessoas. Um “lugar-tenente do contrabando” associa-o à emigração: “Faltavam trabalhadores para o contrabando. Diziam “fulano e sicrano partiram para a França”; no dia seguinte, já são mais três... O contrabando estava em crise e a França era uma tentação”. O volfrâmio e o contrabando confluíram no sentido de precipitar e engrossar a emigração.

A emigração teve uma forte incidência na freguesia de Prado. Repercutiu-se em dois mercados: o mercado de trabalho e o mercado matrimonial. Escasseavam trabalhadores em todas as áreas, principalmente na agricultura. Quem partia fazia falta. Censurava-se a PIDE pela ineficácia em travar a fuga de braços. A PIDE nunca facilitou, mas a vontade ultrapassava a repressão. Um conterrâneo, do lugar de Santo Amaro, tentou o salto quatro vezes, outas tantas foi capturado. À quinta conseguiu! Colmatou-se a ausência de braços recrutando pessoas nos concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Paredes de Coura e Ponte de Lima. Vieram, sobretudo, famílias de caseiros. Um fluxo significativo de pessoas. Integraram-se. Muitos, por seu turno, emigraram. Neste contexto, Prado desempenhou o papel de lugar de passagem.

Partem os homens. Volvidos alguns anos, seguem as mulheres. Aquelas que ficam, vestidas ou não de negro, cuidam da casa, das propriedades, dos filhos, dos pais e da imagem da família. Cuidam praticamente de tudo. Valem a dobrar. E esperam! Para além do envelhecimento e da quebra da nata-



Espera.

Andor parisiense.



lidade, a emigração provocou uma “feminização” da freguesia. Mais mulheres do que homens. Nota-se na curva da masculinidade e na vida quotidiana. No verão, apreciava-se, ao entardecer, um breve passeio a pé. Grupos de seis raparigas e um ou dois rapazes. Afigura-se-me que este desequilíbrio desafiou a homogamia, a tendência para o casamento entre cônjuges do mesmo nível social.

A emigração desequilibrou económica e demograficamente a freguesia. Manteve-se, porém, o vínculo dos emigrantes à sociedade de origem. O efeito da emigração é contraditório. O emigrante é um ausente presente (Gonçalves, Albertino, 1987). Testemunham-no a construção das casas (Gonçalves, Albertino, 1996), o envio de remessas, o apego aos laços sociais e as férias. A emigração constituiu um estímulo ao desenvolvimento. O peso do regresso dos emigrantes, nos anos setenta e oitenta, manifestou-se invulgarmente elevado. Ao contrário do estereótipo do ex-emigrante sentado à sombra da pensão de reforma, muitos ex-emigrantes entregaram-se a uma actividade profissional. Representou um pequeno sobressalto no entorpecimento da vida económica e social da freguesia.

As pessoas provenientes de concelhos vizinhos e os emigrantes regressados contribuíram para o aumento da população. Acrescem os migrantes provenientes das freguesias de montanha. A maioria adquiriu, aquando da deslocação, uma quinta em Prado. Alguns dos membros eram ou tinham sido emigrantes.

Os percursos migratórios entrelaçam-se: este provém da montanha e é emigrante; aquele veio dos concelhos vizinhos mas emigrou; aquele outro regressou da emigração mas reemigrou. Trata-se de um emaranhado de percursos e situações. Cada categoria possui um perfil cultural próprio. Os emigrantes desenvolveram um modo específico de estar no mundo. O mesmo sucede com as pessoas provenientes das freguesias de montanha e do Alto Minho. Sem esquecer as pessoas que não migraram. Esta mistura de percursos e de culturas concorreu, e concorre, para a configuração e a dinâmica da freguesia de Prado. A diversidade costuma ser uma potencialidade.

Referências bibliográficas

- Gonçalves, Albertino (1987). “O Presente Ausente: O Emigrante na Sociedade de Origem”, *Cadernos do Noroeste*, vol. I nº1, 1987, pp. 7-30.
- Gonçalves, Albertino (1996), *Imagens e Clivagens: os residentes face aos emigrantes*, Porto, Afrontamento.
- Gonçalves, Albertino (2019). “Prado. População e estilos de vida”, in Gigante, João, *Quem fica, União de Freguesias de Prado e Remoães*.
- Gonçalves, Albertino, (2008), “Caminhos de inquietude. A organização do contrabando no concelho de Melgaço”, in *O Miño, unha corrente de memoria*. S. L., Ediciones Alén Miño.
- Hall, Edward T. (2005) *A Dimensão Oculta*. Lisboa, Martins Fontes .
- Wateau, Fabienne (2000). *Conflitos e Água de Rega: Ensaio sobre a organização social no Vale de Melgaço*, Lisboa, Etnográfica Press.